

Leptospirose

Eduarda Gomes Santos Mendes¹, Geovana Caroline da Silva¹, Julia Emanuele da Silva¹, Diogo Vinícius¹, Endrigo Tonini Provete Barbosa¹ e Guilherme Guerra Alves².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – Belo Horizonte/MG – Brasil

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A leptospirose é uma zoonose muito agressiva que acomete cães, ratos e humanos. O presente artigo tem como objetivo abordar de forma objetiva os principais aspectos, bem como etiologia, sinais clínicos, diagnóstico e tratamento desta doença.

METODOLOGIA

Para pesquisa do tema foram utilizados artigos científicos "Leptospirose canina - Revisão de literatura", "Leptospirose Canina - Revisão Bibliográfica" de Érica Versiani, "Contribuição Para o Estudo da Leptospirose Canina em Portugal" de Sofia Isabel, "Leptospirose Canina: Diagnóstico Etiológico, Sorológico e Molecular e Avaliação da Proteção Cruzada Entre os Sorovares ICTEROHAEMORRHAGIAE E COPENHAGENI" de Angela Manetti e "Leptospirose Canina".

RESUMO DE TEMA

Leptospirose é uma doença de caráter mundial considerada uma zoonose que acomete animais, tanto silvestres como domésticos e também o ser humano. Em meio urbano os principais reservatórios são os cães devido ao seu convívio e contato direto com humanos e ratos de esgoto. A doença geralmente é encontrada próxima a áreas com saneamento básico precário, expondo humanos, cães e ratos à infecção.

O agente etiológico da leptospirose, é uma bactéria pertencente à ordem Spirochaetales, família Leptospiraceae e o gênero Leptospira. Apresentam forma espiralada ou helicoidal, possuem endoflagelos e motilidade, extremidades em forma de gancho.

Nesse gênero estão presentes espécies patogênicas e não patogênicas (saprófitas). O contato direto ou indireto com o material contaminado por leptospira é a forma de transmissão. As fontes de transmissão são principalmente: água ou solo contaminado com urina infectada, de hospedeiros de manutenção ou acidentais, a urina infectada e tecidos de animais infectados. Essas fontes podem transmitir através de ingestão, contato com mucosas, contato com feridas e abrasões, mordeduras e fômites.

É importante entender os dois grupos intervenientes neste ciclo para compreender a infecção e transmissão da doença – hospedeiros de manutenção ou reservatórios (HM) e hospedeiros acidentais ou incidentais (HA).

O hospedeiro de manutenção é a espécie onde a infecção é endêmica, transferida por contato direto entre animais. Já os hospedeiros acidentais ou incidentais tem baixa susceptibilidade a infecção, porém tem severos efeitos patogênicos, fase renal curta e uma transmissão ineficiente dentro da mesma espécie.

Os sinais clínicos apresentados pela leptospirose são bastante amplos e a apresentação mais grave é a clássica doença de Weil. a apresentação clínica da leptospirose é bifásica, apresentando uma fase aguda ou septicêmica (leptospirose) que dura cerca de uma semana, seguida de uma fase imune, produzindo anticorpos e excretando leptospiras na urina (leptospirose). Nos humanos as formas principais são a anictérica de baixa mortalidade caracterizada por infecção subclínica ou de grau leve, podendo haver febre de início súbito, mialgia, dores de cabeça, dor abdominal, entre outros sintomas. E também a forma icterica, muito grave com alta mortalidade e complicações multi-sistêmicas, como vasculite, alteração da função hepática, insuficiência renal aguda e frequente envolvimento pulmonar (Angela Manetti, 2008). no Cão ocorre a infecção pelo sorovar infectante, que é uma doença hemorrágica aguda,

insuficiência renal e hepática. o animal apresenta icterícia, febre e dores musculares. infectados pelo sorovar canicola, ocorre a nefrite intersticial aguda com menor comprometimento hepático.

O diagnóstico é feito por meio de exames laboratoriais (podem ocorrer alterações hematológicas) e achados na anamnese. Através da bioquímica sérica podem ser identificados quadros de azotemia com alta concentração de creatinina e uréia, elevação das enzimas do fígado, aumento no nível de bilirrubina e de transaminases.

A soroaaglutinação microscópica (SAM), é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e Ministério da Saúde no Brasil com a aplicação de antígenos vivos, a qual identifica anticorpos existentes na duração de 7 a 10 dias após a infecção (BRASIL, 1995), citado por CASTRO et al., 2010. outros métodos bastante eficazes são o PCR (Reação em Cadeia de Polimerase) e ELISA (Ensaio Imunoenzimático).

O tratamento da leptospirose é bem específico, levando em consideração cada diagnóstico e cada caso. Dentre as formas existentes as mais utilizadas são hidratação, correção dos distúrbios hidroeletrólitos, diálise, transfusão sanguínea e antibioticoterapia. Além disso também são utilizados antibióticos (doxiciclina, penicilina, ampicilina, amoxicilina, quinolonas, e macrolídeos), esses antibióticos tem objetivo de reduzir a multiplicação sistêmica do agente, assim diminuindo o tempo de eliminação pela urina.

Identificando a gravidade da infecção logo no início, e a existência de disfunção renal e hepática. Em animais com ocorrência de Vômitos, a alimentação oral é suspensa, para animais com ocorrência de uremia e gastrite urêmica a utilização de antieméticos de ação central e protetor gástrico, transfusões sanguíneas em caso de hipoalbuminemia grave concomitante ou suspeita de pancreatite. Cães com tratamento intensivo auxiliados por antimicrobianos adequados e fluidoterapia.

Para roedores e animais silvestres, é necessário o isolamento desses animais para evitar a disseminação. Controle de roedores, ambientes limpos mantendo sempre livre de resíduos sólidos e líquidos e em períodos de enchentes evitar o acesso do ambiente externo, pois há formações de líquidos residuais, e onde as leptospiras se mantêm por um longo período de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leptospirose é uma doença enzoótica de escala mundial que acomete cães, humanos e ratos. Em animais de reprodução podem causar grande prejuízo econômico, e em animais domésticos traz grande sofrimento, sendo então uma doença com urgência de ser tratada e radicada.

PALAVRAS CHAVE

infecção, leptospira, doença e animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DE CASTRO, Jacqueline Ribeiro et al. Leptospirose canina-Revisão de literatura. PubVet, v. 4, p. Art. 917-923, 2010.
2. DE MELLO, Luiz Paulo Pimenta; MANHOSO, Fábio Fernando Ribeiro. Aspectos epidemiológicos da leptospirose canina no Brasil. UNIMAR, p. 27, 2007.
3. LIMA, Érica Versiani. Leptospirose canina: revisão bibliográfica. 2013.

RESUMOS CIENTÍFICOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA – UNIVERSO BH

4. LANÇA, Sofia Isabel de Oliveira et al. Contribuição para o estudo da leptospirose canina em Portugal. 2011. Dissertação de Mestrado.
5. RODRIGUES, Angela Manetti Armentano. Leptospirose canina: diagnóstico etiológico, sorológico e molecular e avaliação da proteção cruzada entre os sorovares icterohaemorrhagiae e copenhageni. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
6. QUEIROZ, Francielle Maria Prodócimo et al. Leptospirose canina. Encontro Acadêmico de Produção Científica de Medicina Veterinária, 2019.